



Walt Disney na guerra ideológica contra Adolf Hitler: as estratégias de propaganda em “*Der Fuehrer's Face*” (1943)¹

Adriana Schryver Kurtz²

Ana Clara Vieira³

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-SUL

RESUMO

O artigo destaca o papel histórico de “*Der Fuehrer's Face*”, dirigido por Jack Kinney e produzido por Walt Disney em 1943, analisando as estratégias de propaganda usadas para ridicularizar o regime nazista, Hitler e seus principais líderes. Disney foi o principal auxiliar no ramo do entretenimento para o governo dos EUA, produzindo desenhos animados que propalavam sua ideologia e valores. O curta-metragem mostra uma Alemanha Nazista fantasiosa, mas que explicita a opressão sofrida pelo povo. A atuação de Disney na propaganda ideológica anti-hitlerista, apesar de bem sucedida, não foi livre de contradições: era notória sua simpatia pelo nazismo, da amizade com Charles Lindbergh à admiração por Leni Riefenstahl, cineasta favorita de Hitler. “A Face do Führer” é um dos mais eloquentes documentos fílmicos do período, no qual o cinema foi chamado a lutar contra os nazistas na II Guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Animado; Propaganda Ideológica; Walt Disney; “*Der Fuehrer's Face*”; II Guerra Mundial.

1. Introdução

The Walt Disney Company é conhecida como uma das principais empresas fornecedoras de entretenimento do mundo. Segundo Gabler (2009), em 1928 foi criado o principal personagem da história da Disney, Mickey Mouse. Já em 1934, o Pato Donald apareceu pela primeira vez, apenas como personagem secundário em desenhos do Mickey. Donald teve seu primeiro papel principal em 1937. No mesmo ano foi lançado o primeiro longa-metragem do estúdio, “Branca de Neve e os Sete Anões”, que ainda é uma referência na produção de desenhos animados. O sucesso era tanto que foi

¹ Trabalho apresentado no DT4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Doutora em “Comunicação e Informação” pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jornalista e Professora Adjunta dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo (NEJOR/ESPM-Sul) e líder do Grupo de Pesquisa “Teoria e Prática no Jornalismo Gaúcho”. adriana.kurtz@terra.com.br

³ Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda – pela Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio Grande do Sul (ESPM-Sul). Trabalha na empresa CPL – Centro de Propaganda Ltda. -, como Assistente de Direção de Arte. anaviei3@gmail.com



possível investir em novos projetos, transformando a companhia em um império do setor de entretenimento em apenas duas décadas, atuando em televisão, rádio, fonografia, etc.

Os personagens faziam grande sucesso devido ao humor cômico de suas histórias, ilustrando um cotidiano deveras comum entre as pessoas, mas com a abordagem de desenho animado, utilizando a inocência infantil. Porém, isso teve que mudar em 1942, quando os EUA entraram oficialmente na II GM. O governo americano orientou os cineastas da época a fazerem a sua parte no esforço de propaganda contra o nazismo. Segundo Ferro (1992), “uma vez a guerra declarada, Roosevelt deu instruções precisas no sentido de desenvolver um cinema que glorificasse o justo direito e os valores americanos”, expondo assim, que o regime alemão ia contra tudo que o povo americano acreditava, a democracia e a liberdade, justificando, assim, sua entrada na guerra e recebendo o apoio da população, que abraçou a causa. Deste modo, a guerra passou a ser um tema abordado em várias das histórias de produções cinematográficas, inclusive em desenhos animados. O Pato Donald foi um dos personagens mais ativos na propaganda durante a Segunda Guerra, fazendo parte de curtas-metragens que abordam o assunto.

A propaganda ideológica sempre se fez presente em períodos de guerra, influenciando o povo a crer e agir de acordo com o que um determinado grupo, podendo ser ele um partido político ou mesmo o governo, demonstrava ser certo. O nazismo, por exemplo, cresceu justamente pela propaganda muito bem feita por Hitler, fazendo a maioria dos alemães aderirem a sua ideologia. Segundo Leite (2003), o nazismo deu uma atenção vital às produções cinematográficas. O autor afirma que Hitler, além de político, era um grande cineasta, juntamente com o ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, que em suas produções deixava claro várias questões fundamentais do nazismo, como o antisemitismo e a superioridade ariana.

Por parte dos americanos não foi diferente. O governo dos EUA, que também usou este tipo de comunicação, tinha a intenção de fortalecer seus ideais de democracia e liberdade e, dessa maneira, expor o regime nazista de forma negativa. Desenhos animados também fizeram parte deste processo. A indústria cinematográfica de Hollywood reunia todas as condições para que o cinema se convertesse em instrumento de propaganda dos ideais e dos valores norte-americanos (LEITE, 2001). E os personagens de Disney não iriam decepcionar seu criador e seu público.



2. O Cinema como arena da propaganda ideológica

O cinema foi muito usado como meio de propagação de ideias, para atingir o público em relação à oposição, tanto pelos Aliados para com o nazismo, quanto pelo Eixo para com seus inimigos. Na Alemanha, as produções cinematográficas foram muito importantes, havendo diversos filmes pró-nazistas e, nos EUA, o cinema foi grande responsável pelo engajamento do povo americano no apoio ao governo.

Um dos primeiros filmes de ficção dos nazistas foi “O Jovem Hitlerista Quex” (1933), produzido quando ainda era necessário construir um espírito nacional-socialista, com patrocínio oficial do partido. O longa-metragem mostrava o espírito de sacrifício da Juventude Hitlerista, sendo considerado um hino nazista aos jovens do Reich. Segundo Furhammar e Isaksson (2001), há métodos suaves e sofisticados de persuasão para guiar o público até o entusiasmo final utilizados nesta produção, onde está presente a insinuação de um novo conteúdo sob velhas fórmulas, moldando cuidadosamente o novo espírito com ideias tradicionais, religiosas e seculares.

Em 1932, Leni Riefenstahl dirigiu um curta-metragem de pouca expressão artística sobre o primeiro comício do Partido Nacional-Socialista que viria a ser um tipo de ensaio para a produção daquele que se tornou um dos filmes mais famosos da era nazista e do cinema documentário. Um ano depois desta experiência mal sucedida (a cineasta inclusive nem admitia a autoria da obra), Leni filmaria, a pedido do próprio Hitler, o tristemente célebre “O Triunfo da Vontade” (1934), cujo personagem principal era o próprio *Führer*.

O uso do cinema, entretanto, não foi prerrogativa do Terceiro Reich. Em 1939, antes mesmo de entrar na guerra, os EUA usaram Hollywood para comunicar sua posição em relação ao nazismo, como lembra o historiador Marc Ferro em sua obra “Cinema e Guerra” (1992) Mais de dez filmes foram projetados naquele ano, todos com conteúdo explicitamente anti-nazista. O país tematizava a propaganda ideológica muito mais claramente no cinema do que, por exemplo, em jornais. Os americanos consideravam a relação de boa vizinhança um fundamento e a marca de suas liberdades, julgando o nazismo como destruidor dessa relação de confiança. Não foram feitos apenas filmes contra os alemães, mas também contra os japoneses, pertencentes ao Eixo. Neles, eram expostos os valores defendidos pela democracia americana, enfatizando que o inimigo só teria a possibilidade de ser salvo se partilhasse de tais posições. (FERRO, 1992).



Enquanto a ideologia de Hitler ganhava força na Europa, os Estados Unidos produziram cada vez mais filmes que a abordavam de forma negativa. Segundo Leite (2003), desde o início do conflito, Hollywood não cessou de investir na produção de filmes que, à sua maneira, contaram os episódios que marcaram a II Guerra Mundial. Ainda segundo o autor, esta guerra provavelmente foi o momento da história do século passado mais focado pela produção cinematográfica dos Estados Unidos. Desde a sua entrada na guerra, em 1941, o país produziu diversos filmes sobre o conflito. Depois de declarada a entrada oficial dos americanos na guerra, os filmes exerceram uma grande manipulação da opinião da sociedade.

Um fator importante nas produções cinematográficas americanas com apelo anti-nazista é que o tema não era abordado apenas em filmes de guerra. Para atingir a população na sua totalidade, o tema foi abordado em filmes de outros gêneros, como drama, aventura e até mesmo curtas-metragens animados produzidos pela Walt Disney Company, onde personagens passam por situações relacionadas à guerra e ao nazismo. Assim, é possível concluir que os Estados Unidos fizeram muito uso da propaganda ideológica em suas produções cinematográficas, inclusive em filmes que eram assistidos por crianças.

Vários estúdios de desenhos animados abordaram o tema da guerra e do nazismo, ainda com seu tom bem-humorado e com toques de inocência e infantilidade, necessários para capturar a atenção do público, usando de personagens que são conhecidos até hoje. A Warner Bros Studio usou Pernalonga e Patolino em produções voltadas aos conflitos, mostrando os alemães como os vilões tolos, que eram facilmente enganados pelos espertos personagens. O marinheiro Popeye também se posicionou contra os nazistas, lutando contra eles em alto mar no desenho *Spinach For Britain* (1943), onde ele tenta levar para a Grã-Bretanha a sua fonte de força e energia para lutar, o espinafre. Mas o estúdio que mais se envolveu e se engajou na criação de episódios de desenhos anti-nazistas foi The Walt Disney Company.

Ainda antes de entrar oficialmente na Segunda Guerra Mundial, Walt Disney visitou a América Latina para a criação do filme “*Saludos Amigos*”, estudando a cultura de diversos países e criando personagens inspirados em cada um deles, como o Zé Carioca, com o intuito de estreitar os laços entre os EUA e o restante da América, onde a propaganda nazista ganhava muita força.



3. O soco de Disney na face do *Führer*

Der Fuehrer's Face é um curta-metragem produzido pela Walt Disney Company em 1942. Sua estreia oficial foi em janeiro de 1943, tendo o Pato Donald como seu protagonista. O filme exibe de forma cômica o regime nazista, mostrando o personagem como trabalhador de uma fábrica de munições que sofre com os abusos das autoridades da cidade de *Nutziland*. Com direção de Jack Kinney; produção de Walt Disney; canção de Oliver Wallace; roteiro de Joe Grant e Dick Huemer; Clarence Nash como Pato Donald.

A análise do curta-metragem foi realizada a partir de várias cenas-chaves que acompanham o desenrolar do filme. Essas cenas basicamente se dividem em dois grandes momentos, a saber: 1) a apresentação de *Nutziland* e a banda dos nazistas, que cantam a música tema do filme e, 2) o Pato Donald como cidadão do Terceiro Reich, que é visualizado em sua pequena moradia e logo a seguir na fábrica de munição onde trabalha. Desta forma, logo na abertura do curta-metragem, o público se depara com diversas características do regime nazista, abordadas de diferentes formas, uma delas é a banda, que surge marchando e cantando uma das canções mais marcantes dos EUA na época da II Guerra Mundial, que leva o mesmo nome do filme.

A música expõe de maneira debochada várias características do nazismo. Em cada estrofe, diferentes fatores da ideologia do Terceiro Reich são abordados. Logo na primeira (*quando o Führer diz “esta é a raça suprema”, nós saudamos, saudamos, bem na cara do Führer*), a questão da superioridade racial é exposta, já que os nazistas afirmavam que todas as outras raças existentes eram inferiores à raça ariana, que estas eram menos dignas de existir, e que o povo alemão podia reordenar-se com a eliminação delas da sua pátria. Relembrando que o nazismo exaltava a forma física e o esforço à beleza da grandeza e da auto-superação humana e essa ideia de embelezamento do mundo foi o mote para a destruição de raças consideradas inferiores e de doentes físicos e mentais.

Na segunda estrofe (*não amar o Führer é uma grande desgraça, então nós saudamos, saudamos, bem na cara do Führer*), a afirmação se dá em função da eliminação e repressão de inimigos políticos do NSDAP, como ocorreu na conhecida Noite das Facas Longas, em 1934, cujo então aliado de Hitler, Ernst Röhm e os principais membros da SA, foram assassinados devido a suas atitudes que refletiam descontentamento com as posições do *Führer*, além de suas intenções de transformar a



SA no exército oficial do país, se tornando um obstáculo para Hitler chegar ao poder. Desde este ocorrido, Hitler nunca mais foi ameaçado por qualquer tentativa de deposição, até 1944, lembrando também que uma das principais características do regime nazista era o terror, fundamentado no totalitarismo, tendo a função de preencher lacunas deixadas pela falta de vínculo com o mundo externo deste sistema, mantendo-o em movimento e criando fatos e estados psicológicos que o isolem.

A terceira estrofe (*quando o Sr. Goebbels diz “o mundo e o espaço são nossos”, nós saudamos, saudamos, bem na cara de Goebbels*) cita um importante aliado de Hitler, Joseph Goebbels, ministro da Propaganda do Terceiro Reich. Ele teve grande poder sobre o povo alemão por controlar toda a forma de comunicação do país, como explica Agostino (2004). Já o historiador Schilling (1985) salientou seu papel fundamental em importantes frentes de propaganda: na censura estatal, na promoção da imagem e das realizações de Hitler e nas campanhas antissemitas e a favor da unidade e pureza da raça alemã. Goebbels pessoalmente comandou a operação Queima de livros, em 1933, destruindo toda a literatura considerada como “não alemã”.

Na quarta estrofe (*quando sr. Göring diz “eles nunca vão bombardear este lugar”, nós saudamos, saudamos, bem na cara de Göring*), outro grande aliado do *Führer* é alvo de ironia de Disney. Hermann Göring foi um militar e político, membro do NSDAP desde o início do partido, sendo nomeado comandante-chefe da força aérea alemã em 1935. Nesta parte da música é afirmado que Göring discursa que a Alemanha nunca será atingida. Isso porque o exército alemão tinha a fama de ser indestrutível e superior e o país estava, de fato, vencendo nos primeiros anos de conflito.

A quinta estrofe da música (*nós não somos super-homens? super-homens arianos e puros? Sim, nós somos os super-homens. Super-ultra-super-homem*), não fala de um aliado de Hitler, mas sim da teoria de um de seus grandes ídolos. Quando os personagens cantam sobre “super-homens arianos e puros”, é impossível não lembrar que o *Führer* se inspirou na filosofia do Super-Homem, de Nietzsche. Schilling (1998) expõe que o filósofo produziu um grande arsenal ideológico, criando um tipo-ideal de homem, que mobiliza as energias internas, irracionais que a civilização reprime, como a violência e o instinto, formando assim, um herói que cumpre um destino grandioso, indiferente ao sofrimento humano, e capaz de fazer a transmutação dos valores além do bem e do mal. Hitler aplicou esta filosofia na ideologia nazista, fazendo o povo alemão acreditar que era esse novo tipo de homem que precisavam ser. Nietzsche, aliás, considerava o liberalismo no plano político como o mais destacado símbolo da



decadência, na medida em que não possuía as energias precisas para deter a corrosão social provocada pelo socialismo.

Já na sexta estrofe (*a Nazilândia não é tão boa? Você a deixaria se pudesse? Não, a Nazilândia é boa. Não a deixaríamos mesmo se pudéssemos*), vemos a exaltação do que seria a Alemanha. Hitler dizia que a Alemanha era o único país que não teria sido totalmente atingido pelas raças inferiores por sua localização geográfica, já que ficando no centro da Europa, não teria se contaminado com latinos e nem com asiáticos. Nesta parte da música também há o contraponto de ser impossível ir embora da *Nazilândia*, mas como ela é “boa”, o povo não deseja partir. Além disso, no regime totalitário, cujas formas de domínio se dão através de violência e medo, todos deveriam vigiar a todos, sendo dito que cada indivíduo era “os olhos e ouvidos do *Führer*”, prática que estimulava o nacionalismo e incentivava a rivalidade com outros países que poderiam ser ameaçadores.

A sétima e última estrofe da música (*nós trazemos a nova ordem mundial; viva a nova ordem mundial de Hitler; todos da outra raça vão amar a face do Führer; quando nós trouxermos para o mundo a desordem*) é pura ironia. Ao dizer que “todos da outra raça vão amar a face do *Führer*”, Disney faz piada do que foi o aspecto mais trágico da ideologia nazista, o racismo, que deixou milhões de mortos na época da II Guerra Mundial, resgatando mais uma vez a ideia de embelezamento do mundo que os nazistas acreditavam.

Além da música, esta primeira cena possui outros aspectos importantes relacionados ao nazismo, um deles é a marcha. A banda que canta a música tema do filme marcha alinhadamente, com passos ritmados e bastante organizados, da mesma forma que os membros do NSDAP o faziam. Outro fato importante presente no curta é a questão da música marcial, que sempre foi importante para os espetáculos de Hitler. Como explica Diehl (1996), os cerimoniais de Hitler tinham um caráter quase religioso, tendo tochas e canhões de luz que traziam a sensação de misticismo que o evento precisava, envolvendo o *Führer* em uma aura profética e messiânica.

Estas características deixam claro o conhecimento de Walt Disney quanto os hábitos e valores dos membros do partido de Hitler. Disney conhecia e era grande fã da cineasta Leni Riefenstahl, segundo conta a própria em sua biografia *Memórias* (1991). Assim, provavelmente, o criador de Mickey e Donald conhecia um dos grandes trabalhos da cineasta que expõe diversas características do regime nazista, inclusive a marcha, a ordem respeitada e a música marcial. *O Triunfo da Vontade* (1934) estreou



nove anos antes do *Der Fuehrer's Face* ser produzido. Como disseram Furhammar e Isaksson (2001, p. 97), este filme mostra “toda a magia do nazismo sobre o povo alemão”.

Neste trecho do curta-metragem analisado, nota-se que Disney buscou diversas estratégias para ridicularizar o Terceiro Reich, apropriando-se de características do regime que são retrabalhadas com sentido crítico. Assim, a seriedade com que os alemães encaravam tais rituais é revertida numa série de piadas e referências irônicas. Além da organização, há outra característica da banda de Nazilândia que chama bastante atenção: a semelhança de seus integrantes com personagens históricos que tiveram papéis importantes durante o governo de Hitler. O primeiro que fica em evidência é um soldado alto, magro, com parte do rosto coberto por um capacete. Este personagem faz menção à Goebbels, uma alusão indireta, já que lhe é tirado o aspecto da deformidade física e da baixa estatura. O fato de estar liderando a banda chama bastante atenção porque Goebbels, na qualidade de Ministro da Propaganda, era líder direto de todo o setor cultural e artístico do Terceiro Reich.

O próximo integrante da banca tem um aspecto asiático, lembrando muito um japonês, até mesmo pelo sotaque e pelo tom da pele, diferente dos demais. Percebemos então que representa o imperador do Japão da época, Hirohito, que embora uniformizado como os alemães, levanta uma pequena bandeira do império japonês. A seguir, vemos um homem que possui características afeminadas, passando a ideia de homossexualidade. Com isso, é possível associar o flautista da banda com Ernst Röhn, companheiro do ditador desde o início de sua trajetória política e gay assumido. Outro importante personagem presente na banda é nada menos que Mussolini. Vemos que se trata do líder da Itália pelas características físicas, pela postura, mas principalmente pelo sotaque carregado do personagem ao cantar e pelo uniforme fascista usado por ele.

Existe um quinto personagem na banda que não fica tão claramente caracterizado quanto os demais, pois quando canta sua parte da canção, seu rosto não aparece nem um pouco, sendo totalmente coberto pelo capacete. É possível que se trate de uma referência à Göring, que é citado nominalmente durante a música.



Figura 1: A banda de Nazilândia.

Fonte: : Filme *Der Fuehrer's Face* (1943).

Na parte seguinte, quando a banda sai de cena, vemos brevemente a cidade de Nazilândia. É possível notar que tudo neste cenário remete a suástica, desde árvores a postes e até mesmo nuvens no céu. O uso deste símbolo foi uma marca do Terceiro Reich, estando presente em todos os eventos do NSDAP, cuja produção estética ressaltava ainda mais a sua utilização. Por isso, Disney o satiriza, “decorando” toda a cidade com suas formas. A brincadeira com os símbolos nazistas continua quando a casa do Pato Donald se torna o cenário. A decoração segue a mesma temática dos espaços abertos da cidade: todos os objetos possuem o desenho da suástica, desde o papel de parede até o relógio despertador, além do relógio cuco, que ostenta um pássaro caracterizado como o *Führer*, fazendo a saudação do partido *Heil Hitler*.

Donald é despertado por todo o barulho a sua volta, o despertador, o cuco e a banda que toca do lado de fora. Ele consegue se livrar dos relógios, mas não da banda de soldados, que o obriga a levantar para iniciar o trabalho na base da violência. Quando é colocado para fora da cama, a primeira atitude de Donald é fazer a saudação para os retratos dos três ditadores do Eixo, Hitler, Mussolini e Hirohito, pendurados na parede de casa. Após o cumprimento, Donald veste um uniforme bastante parecido com o que era usado pelos soldados membros da banda que o despertou, que também se assemelha muito com os uniformes usados pelos verdadeiros membros do NSDAP.



Figura 2: Pato Donald fazendo a saudação Hitlerista para os três ditadores do Eixo.
Fonte: Filme Der Fuehrer's Face.

Depois de se vestir devidamente, Donald se encaminha para tomar seu café da manhã, mas, estranhamente, busca algo escondido em um cofre coberto por um quadro de Hitler. De dentro dele, o personagem sorrateiramente tira uma lata de café que contém apenas um grão, que o pato procura esconder dos oficiais que ainda circulam sua casa. Além do café, Donald precisa lidar com o pão que mais parece um pedaço de madeira, tão duro que é necessário cortar com um serrote. Neste momento podemos perceber a representação da carência sofrida pelo povo sob o regime nazista por causa da economia do esforço de guerra, conforme atestaram os historiadores do período, a exemplo de Vizentini (1988), que explica que em 1943 o governo alemão intensificou o esforço de guerra, fazendo com que a capacidade industrial do país não cessasse seu crescimento, tanto quantitativa quanto qualitativamente, apesar dos territórios controlados pelo Terceiro Reich terem começado a diminuir após diversas batalhas perdidas para os Aliados, que realizaram grandes bombardeios sobre a Alemanha, que foram se tornando cada vez maiores, transformando cidades em ruínas e aterrorizando a população.

O café de Donald é interrompido quando um soldado coloca na sua frente um exemplar de *Mein Kampf*, falando “Aqui! Para melhorar seu raciocínio! *Heil Hitler*”, obrigando Donald a lê-lo. Após “treinar seu raciocínio”, Donald é tirado de sua casa a força pela banda de soldados nazistas para ir à fábrica onde trabalha. É neste momento que se encerra a segunda cena do curta-metragem. Na terceira cena do filme, Donald encontra-se na fábrica de munições onde trabalha. Neste momento temos uma breve visão do que seria aquele ambiente, escuro e hostil. Neste momento uma voz em off, provavelmente representando um militar ou responsável pela fábrica, diz as seguintes palavras: “*Bem vindos trabalhadores de Nazilândia. Que glorioso privilégio vocês tem*



de ser nazistas! Por trabalharem quarenta e oito horas por dia para o Führer”. Neste momento a segunda parte música recomeça, agora focando no trabalho quase forçado que era imposto à população.

Um fator curioso do curta-metragem acontece nesta cena. Donald é colocado para trabalhar em uma esteira pela qual diversos tipos de balas de munição vão passando, para que ele aperte sua parte superior, como se fossem parafusos em uma bucha de fixação. Este momento lembra bastante uma cena muito famosa no cinema, de Charlie Chaplin torcendo parafusos em uma fábrica no filme *Tempos Modernos*, de 1936, que era uma crítica ao modo de produção capitalista e à reprodução social burguesa nos EUA depois da crise de 1929. Mas aqui, a crítica ao modo de produção capitalista tematizada por Chaplin é revertida em crítica contra a opressão de um regime ditatorial, cujo inimigo é justamente o país no qual impera o modo de produção capitalista então denunciada em *Tempos Modernos*.

Após este momento, ainda na linha de montagem da fábrica de Nazilândia, junto com o material bélico que Donald precisa montar, surgem diversas fotos de Hitler na própria esteira da fábrica, uma seguida da outra, o obrigando a falar diversas vezes a saudação hitlerista *Heil Hitler*. O uso exagerado da imagem do *Führer* nesta cena remete, de forma bastante irônica, à idolatria dedicada ao líder nazista, como se ele fosse onipresente. O ridículo da cena, entretanto, remete a uma realidade acerca do respeito devido ao ditador. Segundo Diehl (1996), primeiramente o cumprimento era usado apenas por membros do NSDAP, mas se tornaria obrigatória para toda a sociedade após a tomada de poder, sendo levado à escolas, hospitais, órgãos públicos e até mesmo para as famílias alemãs. Era dito que este gesto deveria unir todos ao Reich, sendo um ato patriótico e de devoção à Hitler. Pois como Diehl (1996) explica, o uso deste cumprimento para além dos membros do partido nazista pode ser visto como um avanço do mundo nacional-socialista sobre a sociedade civil.

Donald se mostra cansado de trabalhar e cumprimentar imagem de Hitler repetitivamente. Fazer as duas coisas ao mesmo tempo, sem que uma interfira na outra, o deixam confuso e irritado. Aqui a característica típica do personagem da Disney, normalmente conhecido como rabugento, ganha outra conotação, pois Donald é um trabalhador quase escravo, submetido a um regime violento e opressivo.

Começa então a terceira parte da música tema do filme. Neste momento é como se o povo, que canta para o *Führer*, não aguentasse mais o regime nazista, como se fosse obrigado a servir a ele, como escravo, refletindo até mesmo o quanto seria

maravilhoso se Hitler fosse assassinado. Na última estrofe isso fica muito claro, e a pausa em função do barulho de Donald batendo a cabeça em uma bala gigante, é para a palavra *hell* (inferno) não ser pronunciada em um desenho infantil. Esta parte da música também reflete o espírito infeliz de Donald na situação em que se encontra em Nazilândia. Mas logo depois estas lamentações sobre o regime ficam para trás, e as imagens e frases de glorificação à Hitler retornam com mais força, tanto que, quando Donald resmungava xingamentos contra a imagem do *Führer*, é cercado de baionetas e sofre ameaças, caso ouse reclamar novamente.

Como castigo por seu mau comportamento, Donald recebe uma montanha de munições para montar, ficando exausto até o momento em que é anunciado que, por “bondade do *Führer*”, todos os trabalhadores terão direito às tão sonhadas férias, nos belos alpes. Neste momento, um grande painel com a imagem de montanhas cobertas de neve, numa bela floresta, sob um céu azul e pássaros voando aparece para Donald, que fica encantado com a ideia de descansar em lugar tão perfeito. Como foi explorado no documentário “Arquitetura da Destruição” (1995), Hitler iniciou uma coleção de arte na década de 1930, tendo sua própria galeria particular, onde demonstrava sua visão do mundo e os ideais que pretendia estabelecer na Alemanha. A coleção revelava, segundo o documentário, a limitada intelectualidade do *Führer*, já que dentre os 74 trabalhos catalogados havia apenas cinco retratos, todos pintados a partir de fotografias, enquanto o restante era composto justamente por paisagens de montanhas, dos alpes, que eram de grande estima de Hitler.

Porém, para tirar as “férias” prometidas, há que se “trabalhar o corpo” para que seja possível retomar a dura labuta para o *Führer*. Donald é obrigado a fazer uma espécie de aula de ginástica para se exercitar. Aqui podemos lembrar da exaltação nazista à forma física, ao esforço corporal e à beleza, bem como à grandeza da auto-superação humana, explorados em filmes de propaganda como “Olympia” (1935) e “O Triunfo da Vontade” (1934), ambos assinados pela cineasta Leni Riefenstahl, a quem Hitler chamava de “minha mulher alemã perfeita” (HITLER apud RIEFENSTAHL, 1991). Esse conhecido aspecto do Terceiro Reich hitleriano desponta nesta cena do curta-metragem, constituindo o novo foco de piada de Disney.

Depois dos exercícios, é anunciado que as férias acabaram e que Donald foi escolhido, por ordem do *Führer*, a fazer hora extra. Neste momento, o personagem está exausto, não aguenta mais tanto trabalho e, principalmente, a rigidez militar e o sistema de terror que está vivendo ali. Então, ele surta, tendo um ataque de loucura. Após o

surto, no qual Donald tem diversas alucinações com imagens de Hitler, percebemos que tudo não passava de um sonho atormentado. O personagem aparece deitado em um quarto que lembra bastante a decoração de sua casa em Nazilândia, porém, ao invés de símbolos da Alemanha nazista, ele está cercado de ícones americanos, inclusive seu pijama remete a bandeira dos EUA. Uma placa com os dizeres *Home sweet home* deixa claro que Donald está em casa, um lugar livre da ditadura e da repressão nazista.

Quando desperta, entretanto, Donald acredita que ainda está em Nazilândia, amedrontado pelo pesadelo que acabara de ter. Ele se assusta quando vê uma grande sombra na parede, que lembra a postura dos generais que o maltrataram no regime nazista. Ele levanta rapidamente para fazer a saudação hitlerista, a fim de não ser punido por desrespeitar o *Führer*. É neste momento que ele percebe que está em casa, está nos EUA. O personagem olha na direção do objeto que forma a sombra e se depara com o maior símbolo americano, a Estátua da Liberdade. Lembrando Ferro (1992), quando os EUA entraram oficialmente na Segunda Guerra Mundial, era necessário desenvolver um cinema que glorificasse os valores americanos, sobretudo a democracia e a liberdade, pontuando que o nazismo ia contra tais valores a fim de justificar sua entrada na guerra e receber o apoio da população. A indústria cinematográfica de Hollywood reunia todas as condições para que o cinema se convertesse em instrumento de propaganda dos ideais e dos valores norte-americanos.

Donald comemora o fato de estar nos EUA e de ser americano, falando a seguinte frase, enquanto abraça e beija a sua miniatura da Estátua da Liberdade: “Estou muito feliz por ser um cidadão dos Estados Unidos da América”. Nesta cena vemos o regime nazista e a imagem de Hitler serem substituídos por ícones estadunidenses, simbolizando a liberdade e os valores americanos.

Em 1943, Disney produziu desenhos animados de cunho ideológico claro, deixando de lado a política de boa vizinhança, nos quais eram abordados temas relacionados ao governo e à guerra, como *Spirit of 43* (1943). Neste curta, Pato Donald representa o trabalhador americano recebendo seu salário, mas, na hora de gastá-lo, se divide entre comprar supérfluos e pagar os impostos, que estão altos devido ao esforço de guerra. Ainda em 1943, ano referencial para as atividades propagandísticas dos Estúdios Disney, o curta-metragem *Education for Death* foi desenvolvido, descrevendo a doutrina nazista sobre as crianças alemãs, retratando de forma cruel e chocante, a história destes jovens doutrinados desde cedo para sentirem ódio dos outros povos e dos “fracos”, apresentados como inferiores em relação aos arianos.



4. Considerações finais

“Der Fuehrer's Face” é um exemplo magistral legado pela história do cinema acerca dos esforços de propaganda mobilizados pelo cinema, uma estratégia capitaneada pelo Terceiro Reich que seria combatida pelos aliados, com um importante papel por parte dos Estúdios Disney. O cinema, assim, seria transformado num palco privilegiado da propaganda ideológica e da tentativa de mobilizar as massas no cenário de uma guerra que envolveu as grandes potências mundiais e mergulhou a Europa numa espiral de destruição e mortes. Os pioneiros esforços do primeiro Ministério da Propaganda do mundo ocidental, dirigido por Joseph Goebbels, suscitaram uma resposta tardia mas eficiente dos EUA.

O papel de Walt Disney durante a Segunda Guerra, ao ser solicitado pelo governo dos EUA para produzir filmes que estimulassem outros países a simpatizarem com a política americana, foi indiscutível. Mas sua biografia segue marcada por pontos obscuros que desafiam o completo entendimento deste homem genial, que criou um mundo fantástico e repleto de sonhos, onde até mesmo a mais terrível das guerras se tornava leve e bem humorada. Corriam boatos insistentes de ele possuía certa inclinação ao nazismo por ser amigo próximo de Charles Lindbergh, pioneiro da aviação norte-americana, acusado ser simpatizante do III Reich. O piloto foi à Alemanha no final dos anos 1930, elogiou publicamente a tecnologia aeronáutica do país, além de se fazer presente, em 1936, na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim, ao lado do próprio Hitler.

Além do criador, a criação também apresenta certas contradições. O Pato Donald mostrado de forma inequívoca na obra de Mattelart (1980) como um personagem oprimido pelo sistema capitalista, agora serve para colocar em relevo a liberdade e a afirmação dos valores americanos diante do Terceiro Reich. Ainda assim, Disney absorveu diversos aspectos do nazismo para usar contra o mesmo, ironizando o regime de Hitler e evidenciando suas contradições através dos próprios princípios do Terceiro Reich. A suástica, principal símbolo da Alemanha hitlerista é usada no filme com a mesma intensidade com a qual era usada pelos nazistas, porém, com tom de ironia, fazendo-a decorar até mesmo as nuvens da cidade.

Não deixa de ser irônico pensar nas contradições que envolvem a participação de Walt Disney nesse momento tão importante para a propaganda ideológica e de guerra. Se por um lado, o gênio dos Estúdios Disney e da animação cinematográfica norte-



americana ajudou o governo a disseminar ideias negativas sobre Hitler e seu Reich de Mil Anos, por outro lado, poderia admirar os valores que dizia serem absurdos em seus filmes.

Referências Bibliográficas

- ARQUITETURA da destruição. Direção: Peter Cohen: Versátil Filmes, 1995. 1 filme (119 min). Título original: Undergångens Arkitektur.
- DIEHL, Paula. **Propaganda e Persuasão**. São Paulo: Annablume, 1996.
- DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para Ler o Pato Donald**: comunicação em massa e colonialismo. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- ELIOT, Marc. **Walt Disney**: o príncipe sombrio de Hollywood. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- FERRO, Marc. **O Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FURHAMMAR, Leif; ISAKSSON, Folke. **Cinema e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GABLER, Neal. **Walt Disney**: O Triunfo da Imaginação Americana. São Paulo: Novo Século, 2009.
- KURTZ, Adriana S. **A Teoria Crítica e o Cinema de Propaganda Totalitária**: convergências entre o Nazi-fascismo e a Indústria Cultural (e algumas palavras sobre Riefenstahl e o pós-moderno). Porto Alegre: Intexto, 1997.
- LEITE, Sidney Ferreira. **O Cinema Manipula a Realidade?** São Paulo: Paulus, 2003.
- RIEFENSTAHL, Leni. **Memórias**. Barcelona: Lumen, 1991.
- SCHILLING, Voltaire. **O Nazismo**: breve história ilustrada. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988.